

O *Círculo de Leitores* que entre 1994 e 1996, sob a nossa coordenação, editou as *Obras Completas* de José Rodrigues Miguéis, terminou aquela edição publicando pela primeira vez em livro *Aforismos & Desaforismos de Aparício* (Maio de 1996) seguindo-se-lhe a 2ª edição a escassos cinco meses na *Editorial Estampa* (Outubro de 1996). O volume *Aforismos & Desaforismos de Aparício* foi organizado e prefaciado por Onésimo Teotónio Almeida, recolhendo no *Diário Popular* os materiais que sob o título genérico de *Tablóides* o autor havia publicado em vida. Para este meticoloso e rigoroso trabalho de selecção e organização de cerca de mil unidades textuais, com data compreendida entre 1935 e 1980, Onésimo contou com a colaboração de Leonor Simas-Almeida e Isabel Ferreira Gould, ambas do Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros da Brown University de Providence (EUA).

Na *Nota Introdutória* o editor tem o cuidado de chamar a atenção para as declarações autorais que inviabilizam a *identificação linear* entre Aparício e Miguéis, adiantando contudo que «se nenhum dos aforismos representa genuinamente a pessoa de Miguéis, no seu conjunto não podem deixar de nos revelar as preocupações de fundo do escritor (...)» Tais preocupações tornam-se, por vezes, recorrentes obsessões de que constituem exemplos temáticos a crítica literária, a actividade política, a emancipação da mulher, o amor, a liberdade, a divisão do sujeito, a solidão. A diversidade de tom - humorístico, melancólico, sentencioso - corresponde à própria diversidade temática, não deixando de ser curioso que o mesmo tema presente, por vezes, pontos de vista contraditórios entre si a comprovar uma outra obsessão migueisiana - a sua veemente recusa a assumir-se como *editio ne varietur* de si mesmo. O próprio título do volume, da responsabilidade de Miguéis, conota a dualidade, a diferença, a oposição.

Se em *aforismos* lemos a sentença no sentido etimológico grego de *aphorismós* (como a encontramos na tradição aforística desde Hipócrates), no neologismo *desaforismos* lemos o atrevimento, a «*instável permanência*» com que ele mesmo se definiu na segunda das quatro secções de «Aforismos & Venenos de Aparício» insertas n'0 *Espelho Poliédrico* das quais estes «desaforismos» são herdeiros, funcionando também como eco reminiscente da produção ficcional do autor, ou como espaço preferencial de alusão àquela produção ficcional. Afigura-se-me claro exemplo daquele eco o trecho datado de 1935, que abre o volume, remetendo directamente para a matéria ficcional do conto epónimo de «Gente da Terceira Classe»: «*Navegando em pleno Atlântico, ele avistava, através da vigia dupla, as imensas vagas verdes, mansas, de dorso reluzente correndo à desfilada (...)*».

Num trecho de Novembro de 1973, a referência auto-irónica ao título da narrativa *Um Homem Sorri à Morte* não poderia ser mais explícita: «*Um homem sorri à morte? Ora adeus! Que há nisso de grande? O difícil é sorrir à vida*» Será ainda a vida ameaçada que constitui a matéria da crónica «Feriado» inserta em *O Espelho Poliédrico* e que nos chega agora diluída: «*(.. ) para adormecer imaginava-se deitado, imóvel, no fundo de um bote, num lago ou rio, embalado pelo surdo marulhar das águas mansas*» (31/01/74).

O conto «A Linha Invisível» (*Onde a Noite se Acaba*) transparece na imagem da linha de coser do seguinte trecho: «*Já nada nos pode separar! - dizia ela - Nem o Medo*

*nem a Cidade, nem o Tempo. Talvez tenha bastado a rotura de uma linha de coser? A sombra de uma nuvem, um dia de neve, a interposição de um espírito mau?» (25/07/78)*

De forma notoriamente explícita lemos agora as manipulação financeiras de Severino Zambujeira, Mota-Santos e VandenBeurs d' *O Milagre segundo Salomé*: «*Esta nação que, com justiça ou sem ela, recusava aos reis esmola dos "adiantamentos" era a mesma que se entregava de mãos e pés atados à quadrilha internacional dos sindicatos bancários dando-lhes o monopólio dos tabacos e dos fósforos, as concessões majestáticas em África, e outras ucharias que valiam milhões e biliões.*» (10/10/78).

Também o perfeccionismo ironizado no conto «Silvestre, os seus Amores» (*Gente da Terceira Classe*) e na crónica-ensaio «A Mania das Grandezas (*As Harmonias do «Canelão»*) encontra eco no excerto definidor das três facetas da mentalidade do sujeito - pragmatismo, dogmatismo e perfeccionismo: «*ou isto é óptimo, perfeito, ou então não vale a pena; ou seja, a maneira mais fácil de não produzir nada, ou então só obras intrujadas, imperfeitas ou inacabadas.*» (03/08/79).

O final do conto «Tendresse» (*Pass(ç)os Confusos*) constitui uma variante do penúltimo trecho deste volume. Lê-se no conto: «*Compreendeste enfim que a ternura - ainda quando na aparência incestuosa - é a essência do puro e duradouro amor*». O trecho agora reproduzido, sem data, é o seguinte: «*O amor que ele lhe tinha era o de um irremediável senescente: incestuoso mas puro, quer dizer: sem concretização nem conseqüências*».

A correlação entre os referidos trechos e a obra migueisiana reforça o estatuto de ficcionalidade daqueles permitindo lê-los como prolongamentos, ecos reminiscentes destas variantes. Todavia outros trechos se reúnem neste volume que se afastam nitidamente daquele estatuto ficcional assumindo-se como voz autoral. Veja-se a título de exemplo: «*Para mim, como para o provinciano Baltazar-das-Almas (do meu Idealista no Mundo Real) Lisboa era de facto (foi sempre) um interminável labirinto de ruas (...)*» (20/09/77). Outras vezes os trechos remetem para a explicação da génese da obra. É este o caso da parte final de um longo trecho (datado de Maio de 76) o qual referindo as circunstâncias inspiradoras de *Uma Aventura Inquietante*, duplica a informação do paratexto autoral que acompanha o romance.

Bastante mais interessante como explicação da génese de «Enigma» (*Onde a Noite se Acaba*) é o trecho datado de 29/08/78 pelo qual fica o leitor a saber que a história contada é apenas a história «possível» e que o projecto inicial era bem diferente e envolveria uma novela que Miguéis anunciou e que nunca chegaria a publicar: *A Ilha das Hermafroditas*, cujo manuscrito se encontraria no célebre cofre à volta do qual se desenrola o «Enigma».

A função destas unidades narrativas é, pois, muito diversa como diverso é também o seu grau de elaboração. Por vezes Miguéis usa o espaço «aforístico» como tribuna de jornal para responder à crítica de forma directa ou indirecta, sendo neste último caso muito mais conseguida aquela função. Constitui exemplo do primeiro caso a resposta à recepção crítica d'*A Escola do Paraíso* inserta na crónica «Lamento-Sátira da Sazão Quente» (*O Espelho Poliédro*) e reiterada no trecho dos aforismos datado de 16/05/78: «*Romance é (creio tê-lo dito já) aquilo que se lê como romance. Um crítico de categoria disse de um livro meu: «Não li como romance...» Mas o público, leitor de romances e que os conhece pelo cheiro, esgotou em dois ou três meses a primeira edição de (autênticos) três mil exemplares.*» O crítico visado por Miguéis (Óscar Lopes) tece merecidos elogios à obra, conquanto diga não a ter lido como romance.

Outras vezes, prevendo a reacção dos que não lhe reconheceriam «perfil aforístico» Miguéis inventa um imaginário interlocutor: «*Porque diabo teima você em se exprimir por aforismos, máximas, ditados, sentenças, pensamentos, se não é*

Montaigne, Pascal, La Rochefoucauld, La Bruyère, Fénelon, Vauvenargues, nem Chamfort, nem ninguém?» (Fevereiro de 76)

Mostrando conhecer os grandes mestres do género, a citação insiste nesse conhecimento através de uma longa enumeração preparando o efeito de «ninguém» que remetendo para o popular «Zé Ninguém» evoca também a resposta do Romeiro de *Frei Luís de Sousa*. A subtileza com que se processa a inversão dos papéis entre o possível interlocutor e o aforista é curiosa: o ónus da insistência enumerativa é pago pelo primeiro; o bónus cultural que aquela insistência revela ganhá-lo-á o segundo.

Sobre a precaridade dos juízos críticos na senda de Proust, (*Contre Sainte-Beuve*). lemos: «*Edmond de Goncourt disse de Stendhal: «A alma dele parece ainda mais seca do que a sua prosa». E no entanto, todos o lembramos ou relemos, ao passo que Goncourt, sem a sua Academia, seria apenas um nome»* (16/11/76).

Também o hermetismo de alguns criadores e críticos se torna um dos seus alvos preferenciais: «*O palavreado é tanto e tão espesso, que se pode cortar à faca. Por dentro um aterrador silêncio das almas. Resultado do culto do Significante, em vez do Significado...*» (12/09/78).

A concepção migueisiana da escrita e nomeadamente daquilo que entende por *estilo* transparece claramente na seguinte imagem: «*O Estilo é (como) uma vidraça através da qual se observa, sofre ou goza a paisagem humana ou a natural: melhor, ou sem se dar por isso, se o vidro é de alta qualidade; mal, ou pior, se ele é defeituoso ou ordinário. Assim, o Estilo é algo feito para servir sem se notar; as imagens devem trespassá-lo como a luz do sol à vidraça.*» (01/06/76)

A escrita adquire uma função catártica, de prolongamento vital do sujeito, condição de identidade: «*Só me sinto realmente bem, eu próprio, quando escrevo. Tudo o mais me confunde e me complica a vida. Sou de facto um pintor que pinta com palavras: São elas a minha matéria plástica. Amo o papel, a tinta, a pena com que escrevo, como o pintor ama a tela, os pincéis, as cores das tintas - seus instrumentos. A minha mão não se fatiga de escrever, quando ociosa, é como um apêndice estranho, dorido de artrismo.*» (24/03/79).

São muitos os exemplos que poderíamos colher no volume, mostrando como estes aforismos migueisianos são realmente *sui generis*, afastando-se da canónica definição do género, já que se constituem como micro-unidades narrativas que relevam de características do discurso político, diarístico, ensaístico, ficcional, paredes meias com a simples anedota, mero piscar de olhos ao leitor. Outras vezes prevalece a voz do filósofo reflectindo sobre a eternidade das obras face à precaridade do homem, problemática que Miguéis tratou exemplarmente no capítulo «O Livro» da novela *A Múmia*: «*O que fica dos homens é memória evanescente: é pó, é cinza e fumo apenas. Dele, só as obras e algumas ideias podem perdurar.*» (18/10/76). E porque a memória dos homens é irremediavelmente evanescente, resta o sorriso irónico a desafiar a usura do tempo sob a forma de uma genial definição de «Génio» que, sendo juízo e sentença feita ao bico da pena, não deixará de contagiar o seu autor: «*Génio: Doença muito rara, não-contagiosa, duvidosamente hereditária e com frequência simulada, que em geral só nos é possível diagnosticar cinquenta a cem anos após a morte do seu portador.*» (22/09/76).